

Vinculação do adulto e o apego materno fetal

Adult attachment and maternal fetal attachment

Eluisa Bordin Schmidt*
Irani de Lima Argimon**

* Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar as características das publicações indexadas nos anos de 2003 a 2005 sobre o tema vinculação do adulto e apego materno fetal. Foram cruzadas as palavras-chave: *adult attachment and maternal fetal attachment or prenatal attachment or antenatal attachment* nas bases de dados Medline, PsycInfo, ProQuest e LILACS. Os *abstracts* dos artigos foram revisados e classificados a partir de seis dimensões de análise. O tratamento dos dados realizou-se por meio de análise das frequências percentuais. Os resultados demonstraram que vêm sendo pesquisadas diferentes variáveis que podem influenciar na estruturação dos vínculos afetivos desde o período pré-natal.

Palavras-chave: Vinculação do adulto. Apego materno fetal.

Abstract

The aim of this study was to investigate the characteristics of indexed publications which examine the theme of adult attachment and maternal fetal attachment from 2003 to 2005. The key words have been cross-referenced. The abstracts of the articles were classified according to the six dimensions of the analysis: database, original language, specific methodology, publication year, crossing of variables, results and conclusions. The handling of the data was accomplished by means of the analysis of the frequency percentages. The results evidence that different variables which can influence the structuring of affective attachments since the prenatal period have been researched.

Key words: Adult attachment. Maternal fetal attachment.

1 Introdução

Várias concepções teóricas têm buscado explicar como se dão as primeiras relações afetivas. Dentre elas se encontra a teoria do apego, proposta por Bowlby (1969-1990), que postula a existência da necessidade humana inata para formar laços afetivos com pessoas significativas e servem como modelo para os relacionamentos afetivos futuros.

Para explicar o mecanismo por meio do qual as interações precoces se transmitem no ciclo vital, Bowlby (1995) utilizou o conceito de modelo interno de funcionamento no qual a criança constrói e organiza informação sobre si própria e de seus pais, que influenciará no que ela sente em relação a ambos. Esse "modelo interno de funcionamento" é resultado das primeiras experiências de vinculação da criança com seu cuidador e evolui à medida que a criança cresce, fazendo parte de sua personalidade, transformando-se, assim, em uma representação mental da relação de apego. Segundo Collins e Read (1990), esse modelo internalizado tende a ser consistente ao longo do tempo e relativamente persistente de relação para relação.

Na infância, os vínculos são estabelecidos com os pais (ou substitutos); na adolescência e vida adulta, esses laços persistem, complementados por novos

vínculos (BOWLBY, 1995). O processo de apego se constrói a partir da interação entre os pais e a criança e, desse modo, a representação mental de apego dos próprios pais pode se refletir na interação com seu filho, ocorrendo uma transmissão intergeracional de modelo de apego (FONAGY, 1999).

A maior parte das investigações sobre o apego centrava-se nos processos de vinculação durante a infância, referindo-se principalmente à relação entre a criança e seu cuidador (AINSWORTH, 1994). Posteriormente, o conceito de vinculação foi ampliado para todo o ciclo de vida. Foram estudadas as manifestações do apego por meio de entrevistas retrospectivas que avaliam a representação que o adulto tem sobre suas experiências de vinculação, durante a infância (MAIN; KAPLAN; CASSIDY, 1985) e de escalas que investigam as relações com os pares, na idade adulta, considerando essas relações como uma generalização das relações precoces (HAZAN; SHAVER, 1987; CANAVARRO, 1999).

Os avanços técnico-científicos possibilitaram a realização de estudos sobre o apego desde o período fetal. O advento da ultra-sonografia ampliou o conhecimento sobre as capacidades e o comportamento do bebê intra-útero, revelando que o feto reage a estímulos sonoros, visuais, tácteis e gustativos, tem sensibilidade à dor e

capta as reações emocionais maternas (KLAUS; KLAUS, 2001). A partir do reconhecimento das capacidades fetais e constatação que estas contribuem para que se estabeleça uma comunicação entre a mãe e o feto, foram intensificadas as pesquisas sobre o apego pré-natal.

No Brasil vários pesquisadores, sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, têm buscado ampliar as investigações sobre o apego, analisando o período fetal e as interações pais/bebês, destacando a importância das relações precoces e suas conseqüências para o desenvolvimento emocional (CARON, 2000, PICCININI et al., 2001, HOLZ; NUNES, 2005).

Considerando a importância das relações afetivas precoces e o entrelaçamento que existe entre o tipo de apego internalizado pelos pais e a transmissão que pode ocorrer na interação com seu filho desde o período gestacional, este trabalho objetiva descrever a produção científica e as características das publicações indexadas nos anos de 2003 a 2005, que versam sobre o tema vinculação do adulto e apego materno fetal.

2 Método

Foi realizado um estudo de revisão por meio do cruzamento das palavras-chave (descritores): apego do adulto e apego materno fetal ou apego pré-natal ou apego antenatal (adult and attachment and maternal fetal attachment or prenatal attachment or antenatal attachment) nas bases de dados Medline, PsycInfo, ProQuest e LILACS. Foram identificados e analisados

os *abstracts* das publicações científicas vinculadas a esses descritores, no período de 2003 a 2005.

Foram identificados e examinados 62 *abstracts* de artigos, observando-se que 55 eram artigos publicados em periódicos, 5 dissertações e 2 editoriais em jornais. Para delinear um quadro de síntese, os *abstracts* foram classificados e categorizados a partir das seguintes dimensões de análise:

- 1) bases de dados;
- 2) ano de publicação;
- 3) idioma original;
- 4) tipo de delineamento;
- 5) cruzamento de variáveis;
- 6) resultados e conclusões dos estudos.

O tratamento dos dados realizou-se por meio de análise das freqüências percentuais.

3 Resultados

Na Tabela 1, apresenta-se a distribuição dos *abstracts* conforme a base de dados investigada. A predominância foi de publicações científicas no Medline (32), seguido do PsycInfo (22) e ProQuest (8); no LILACS não foram encontradas publicações sobre o tema.

Na Tabela 2, examinando os 62 *abstracts*, pode-se observar uma concentração maior de produções no ano de 2004.

Alguns dos *abstracts* de artigos eram divulgações em editoriais de jornais e outros tratavam de temas pertinentes à área de odontologia e de problemas físicos, tais como anomalias fetais e gravidez abdominal. Esses

Tabela 1. Distribuição das publicações localizadas nas bases de dados.

Bases	Frequência				Total (%)
	Artigos	Dissertações	Editoriais	Total	
Medline	32	0	0	32	52
PsycInfo	16	5	1	22	35
ProQuest	7	0	1	8	13
LILACS	0	0	0	0	0
Total	55	5	2	62	100

Tabela 2. Distribuição de *abstracts* localizados nas bases de dados, por ano de publicação.

Ano de publicação	Medline	PsycInfo	ProQuest	Total
2003	8	11	2	21
2004	16	8	2	26
2005	8	3	4	15
Total	32	22	8	62

8 *abstracts* dos artigos foram excluídos, sendo selecionados os relativos aos estudos que investigavam aspectos psicológicos e comportamentais das relações de vinculação. Da mesma forma, *abstracts* idênticos (10) encontravam-se registrados em mais de uma base de dados, modificando o número total de análise de 62 para 44 registros.

Entre os 44 *abstracts*, 31 artigos foram produzidos nos Estados Unidos: 14 deles estavam na base de dados do Medline, e 16, no PsycInfo. Os do ProQuest

estavam entre os artigos repetidos. Os demais artigos (13) foram produzidos na Inglaterra, Alemanha, Japão, Espanha, Taiwan, Itália, Suécia, Coreia, Noruega e Austrália.

A Tabela 3 expõe os delineamentos empregados nas publicações que foram distribuídos em: estudo transversal, estudo de coorte, ensaio clínico randomizado, estudo de casos, meta-análise e revisões teóricas. A maioria dos estudos utilizou o delineamento transversal, seguido do delineamento de estudo de coorte.

Tabela 3. Distribuição das publicações conforme delineamentos empregados.

Delineamentos	Frequência			Total (%)
	Medline	PsycInfo	Total	
Estudo transversal	13	9	22	50
Estudo de coorte	9	3	12	27
Estudo clínico randomizado	2	0	2	5
Estudo de casos	0	1	1	2
Meta-análise	1	0	1	2
Revisão teórica	1	5	6	14
Total	26	18	44	100

Na análise da dimensão que engloba o cruzamento de variáveis apresentadas nos estudos, as produções teóricas foram diversificadas, o que determinou o agrupamento em sete categorias:

Categoria 1 – Apego materno fetal. Em vários estudos este tema apresentou-se relacionado com: variáveis sociodemográficas; programas de intervenção, educação pré-natal e cuidados de saúde das gestantes; sintomas e transtornos ansiosos e depressivos apresentados pela gestante no pré e pós-natal, bem-estar psicológico e características específicas de gravidez; gravidez gemelar; ansiedade dos pais em gravidez subsequente a perdas perinatais e ansiedade em gravidez subsequente ao nascimento de filhos com síndrome de Down e conceitos teóricos (19 estudos).

Categoria 2 – Apego do adulto. Apresentou-se associado a: transição para a parentalidade; sintomas depressivos maternos; ajustamento do homem à paternidade; tipo de apego em adulto gêmeo sobrevivente à perda perinatal do irmão (7 estudos).

Categoria 3 – Apego no pós-natal. Foi relacionado com: características maternas, depressão materna, adolescência, desenvolvimento da criança na primeira infância e preditores do apego (4 estudos).

Categoria 4 – O uso de instrumentos que avaliam apego foram apresentados por meio de quatro instrumentos (4 estudos).

Categoria 5 - Ultra-sonografia em diferentes dimensões. Apresentou-se relacionada com: emoção materna e paterna; influências no processo de apego materno fetal (4 estudos).

Categoria 6 – Amamentação. Foi associada a: estilo de apego da gestante; intervenção junto a familiares para favorecer amamentação; variáveis intervenientes (4 estudos).

Categoria 7 – Uso de drogas. Apresentou-se associado a sintomas depressivos em gestantes, apego no pré e pós-natal, interação da mãe com a criança e efeitos de substâncias químicas sobre o feto (3 estudos).

Na análise dos resultados e conclusões apontados nos resumos dos estudos, observou-se que nem todos os *abstracts* continham esses itens. Desta forma, as sínteses dos resultados e conclusões, que foram identificados, são apresentadas a seguir, de acordo com as categorias agrupadas na análise das variáveis.

Categoria 1 – Apego Materno Fetal

As revisões teóricas buscam conceituar o apego pré-natal enfatizando a importância da definição do termo apego materno fetal na maioria das pesquisas (DOAN; ZIMMERMAN, 2003). Os estudos teóricos analisam várias pesquisas anteriores sobre a quantificação do apego pré-natal correlacionando-o com diversas variáveis (SALISBURY et al., 2003).

O bem-estar psicológico materno apresenta-se relacionado com: forte apego com o feto, o relacionamento do casal, apoio social, baixo nível de estresse e ausência de traços de ansiedade. É enfatizada a importância da avaliação das condições de bem-estar psicológico da mulher como um fator de proteção para

o bom desenvolvimento da gestação (ZACHARIA, 2005), pois, nível de ansiedade da gestante tem associação significativa com a vinculação pré-natal (RODRIGUES; PÉREZ-LÓPEZ; BRITO DE LA NUEZ, 2004).

A educação e o acompanhamento da gestante no pré-natal têm efeito positivo no apego materno fetal e eficácia no parto (CHANG; PARK; CHUNG, 2004) e as experiências pré-natais podem constituir fatores de risco ou proteção para psicopatologia posterior (KRENS; KRENS, 2003). Desta forma, traumas psicológicos vivenciados pela mãe enquanto o bebê está no útero ou no período de primeiros cuidados do bebê podem causar problemas emocionais e desordens de personalidade (AXNESS, 2003).

Corroborando com estes achados, novos paradigmas sobre a sensorialidade fetal e emoção do prematuro e recém-nascido vêm sendo ampliados, referindo a existência de comunicação entre a mãe e o feto (CHAMBERLEIN, 2004).

Um dado importante é que não foi observada associação entre depressão e apego materno fetal antes de os movimentos fetais terem sido percebidos, e do mesmo modo variáveis sociodemográficas não estão associadas com o apego materno fetal (HONJO et al., 2003).

No entanto, pais que sofreram perda perinatal apresentaram altos níveis de sintomas depressivos e ansiosos nas gestações posteriores (ARMSTRONG, 2004). Observou-se um índice maior de depressão pós-natal em partos por cesariana e modesta correlação entre apego pré e pós-natal em mães de gêmeos (DAMATO, 2004b), destacando-se que os fatores que influenciam o apego em mães de gêmeos são complexos e devem ser mais bem pesquisados (DAMATO, 2004a).

Ainda no que se refere ao apego materno fetal, ressalta-se a necessidade de expansão de pesquisas nesta área (CANNELLA, 2005).

Categoria 2 – Apego do Adulto

A transição para a parentalidade é considerada como um momento importante da vida do casal. Famílias com pais que tinham um modelo de apego inseguro e baixos níveis de apego no pré-natal evidenciaram interação mais negativa aos 24 meses do bebê (PALEY et al., 2005). As mães informaram um aumento de conflitos com seu companheiro e mudanças na dinâmica familiar relacionadas ao seu papel materno (LORENSEN; WILSON; WHITE, 2004).

O modelo interno de funcionamento de uma mulher interfere no relacionamento de apego pré-natal (LEWIS, 2003). A representação mental do apego no adulto está relacionada às memórias do casamento dos seus pais, o que, por sua vez, interfere na percepção de apoio no pré-natal e na interação mãe-bebê aos 24 meses da criança. Adultos que apresentaram apego ansioso e evitativo e tinham memórias negativas do casamento de seus pais tiveram uma percepção de baixo apoio no pré-natal e no pós-parto (CURRAN et al., 2005).

A parentalidade precoce tem efeito sobre o apego da criança, deixando evidente alta percentagem de crianças filhas de pais adolescentes que apresentaram apego inseguro e desorganizado (LOUNDS, 2005).

O apego inseguro no adulto foi relacionado a uma classe social baixa e a um contexto social negativo, e houve associações específicas do estilo de apego evitativo, com desordens depressivas no pré-natal e do apego ansioso com desordens depressivas no pós-natal (BIFULCO et al., 2004).

As mulheres com modelo de apego ambivalente/ansioso perceberam o apoio dos esposos como insuficientes e experimentaram mais sintomas depressivos aos 6 meses após o parto (SIMPSON et al., 2003). Ao verificar sintomas depressivos e ansiosos dos homens no pré e pós-natal, verificou-se que o homem também vive um período de ajustamento para a paternidade que interfere no seu papel de companheiro e pai. É importante dar mais atenção às ansiedades paternas, o que traria benefício aos homens, seus pares e seus filhos (BUIST; MORSE; DURKIN, 2003).

As intervenções familiares podem auxiliar os casais a explorar e reconhecer problemas que impliquem a parentalidade (CURRAN et al., 2005), e cuidados de saúde devem ser implementados, propiciando mais apoio, principalmente aos pais que têm o primeiro filho, auxiliando-os nesse novo papel (LORENSEN; WILSON; WHITE, 2004). Assim as intervenções desde a gravidez podem prevenir a depressão pós-parto e o abuso infantil (HONJO et al., 2004).

Um trabalho que estudou gêmeos adultos que perderam seus irmãos no período perinatal sugere que estes deveriam ter obtido mais informações e verbalizações a respeito da perda do seu irmão gêmeo mais cedo na vida, pois evidenciaram problemas de relacionamento na vida adulta, principalmente dificuldade nos vínculos e relações íntimas (DAWN, 2004).

Categoria 3 – Apego no Pós-Natal

O apego mãe-bebê no período do pós-parto é influenciado pelo apego materno fetal, sensibilidade materna e, indiretamente, pelo apoio social. É ressaltada a importância de intervenções que auxiliem a mãe no pós-parto para intensificar o apego (SHIN; PARK; KANG, 2004). As experiências de apego da mãe com seus progenitores eram significativamente associadas com a representação pré-natal do bebê e com o apego pós-natal; e o apoio social foi considerado preditor do apego mãe-criança. Os fatores individuais, tanto da mãe quanto da criança, e fatores contextuais são importantes para o apego seguro da criança (HUTHBOCKS et al., 2004).

Categoria 4 – Estudos sobre instrumentos que avaliam apego materno fetal

Ao verificar a estabilidade da ASI (Attachment Style Interview), num estudo em duas culturas – Europa e Estados Unidos – e estabelecendo associações entre

apego e depressão, constatou-se que há uma estabilidade do instrumento nas duas culturas. A ASI pode ser utilizada como medida preventiva de risco para o nascimento (BIFULCO et al., 2004).

O PMIM (Prenatal Marschk Interaction Method) é uma técnica de observação semi-estruturada que investiga atitudes e comportamentos da mãe em relação ao feto. Tem propriedades psicométricas sólidas, podendo ser usado para a avaliação do apego pré-natal, bem como para avaliação das mães que apresentam situações de risco, auxiliando em programas de intervenção precoce (KASHWER, 2004).

A MFAS (Maternal Fetal Attachment Scale), criada por Mecca Cranley em 1981, é um instrumento utilizado na clínica e na pesquisa. Discutem-se temas relacionados com a validade, confiabilidade do instrumento, correlações do apego materno fetal com personalidade da mãe, idade gestacional, movimentos fetais, intervenções médicas, fatores demográficos, além de comparação dos escores de apego materno fetal e apego pós-natal. Trata-se de instrumento com boa validade e confiabilidade e é enfatizada a importância da continuidade de pesquisas com essa escala (DOAN; COX; ZIMMERMAN, 2003).

Quanto ao PAI (Prenatal Attachment Inventory), os achados indicaram tratar-se de instrumento válido para pesquisa com gestantes, podendo ser utilizado em clínicas para avaliar o apego materno fetal como forma de trabalhar precocemente as repercussões do pós-natal (GAU; LEE, 2003).

Categoria 5 – Ultra-sonografia em diferentes dimensões

O ultra-som é importante para o apego pré-natal, pois, por meio desse exame, detectou-se um apego progressivo, materno e paterno, com a evolução da gestação (RIGHETTI et al., 2005). Após entrevistas duas a quatro semanas depois do ultra-som, pais e mães demonstraram sentimentos positivos em relação ao bebê intra-útero (EKELIN; CRANG-SVALENIUS; DYKES, 2004).

Destacou-se que não há diferença entre a ultra-sonografia em duas dimensões e quatro dimensões e os níveis de apego materno fetal (RUSTICO et al., 2005). O ultra-som em três dimensões influenciou positivamente a percepção das mulheres de seus bebês no pós-parto quando comparadas com a de duas dimensões. As mulheres que fizeram ultra-som em três dimensões mostraram mais as fotos do ultra-som quando comparadas com as que realizaram ultra-som de duas dimensões (JI et al., 2005).

Categoria 6 – Amamentação

Quanto à amamentação, não houve relação entre o tipo de vinculação da mãe e a duração da amamentação, mas o modelo de apego seguro teve correlação com as expectativas positivas no papel de mãe (ROSE, 2003). As intervenções em grupo com o pai e os avós são importantes, como apoio emocional e estímulo para

a amamentação. Desse modo, os profissionais devem começar esse trabalho no pré-natal para promover a prática da amamentação ao seio (INGRAM; JOHNSON, 2004; INGRAM; JOHNSON; HAMID, 2003).

A imagem corporal da mulher, o nível de apego materno fetal, fatores educacionais e número de filhos interferem na amamentação (HUANG; WANG; CHEN, 2004).

Categoria 7 – Uso de drogas

O uso de *crack* na gestação evidenciou níveis de apego negativo no pós-natal, além de problemas na atenção, aprendizado, hiperatividade e de comportamento na criança (MCCARTHY; WATERS, 2003). Em crianças expostas a cocaína e opiáceos intra-útero, predominou o apego inseguro aos 18 meses (SEIFER et al., 2004) e mães dependentes de uso de drogas que, durante a gestação, participaram de um programa psicossocial, tiveram uma redução de sintomas depressivos e de estresse na gravidez (KERN et al., 2004).

4 Discussão

A partir dos resultados desta revisão, é importante destacar que as publicações indicam um interesse de vários pesquisadores com relação à construção dos primeiros laços afetivos e suas repercussões na saúde mental ao longo da vida.

A maioria das publicações nestas bases de dados teve como idioma de origem a língua inglesa, e um número menor em outros idiomas, o que evidencia a necessidade de mais publicações de outros países, pois poderiam revelar questões relativas a aspectos culturais e levantar outras conclusões a respeito da universalidade das relações de apego.

Na revisão realizada, foi possível certificar que os delineamentos utilizados, na grande maioria, foram de metodologia transversal. Os estudos coorte foram predominantemente desenvolvidos entre o período gestacional e 2 a 5 anos de vida da criança. Esse dado demonstra a dificuldade em efetivar estudos com delineamento longitudinal, o que, de certa forma, reflete as importantes implicações que existem ao investigar a evolução das relações afetivas ao longo da vida.

Merece destaque que o apego materno fetal tem sido associado a diferentes variáveis e estudado como preditor de apego pós-natal, o que pode auxiliar nos trabalhos preventivos junto às gestantes e nas relações precoces entre a mãe e o bebê.

Com relação ao apego do adulto, poucos estudos estabelecem relações com o apego materno fetal, contudo, enfatizam a transição para a parentalidade como um momento importante de mudanças que despertam novos sentimentos na vida do casal.

Os resultados do presente estudo apontam para a evolução e sofisticação de procedimentos, como a ultra-sonografia, que possibilita, além de verificar as condições de saúde do bebê intra-útero, uma nova forma

de contato entre mãe e feto, recurso que pode intensificar o vínculo materno fetal.

Outra categoria que se apresentou nos estudos foi a influência de sintomas depressivos e ansiosos como fatores intervenientes no vínculo mãe-bebê, demonstrando a necessidade de maior atenção a essas gestantes e buscando preservar a saúde emocional tanto da mãe quanto do bebê. Do mesmo modo, alguns estudos analisam as repercussões físicas e emocionais quando a gestante faz uso de substâncias químicas, evidenciando prejuízos no desenvolvimento físico e emocional da criança.

5 Considerações Finais

As características das publicações indexadas nesses últimos anos, sobre a vinculação, evidenciaram que as pesquisas têm avançado na investigação de diferentes aspectos que podem interferir na estruturação e desenvolvimento das primeiras relações afetivas e nas repercussões do desenvolvimento do apego nos diferentes momentos do ciclo vital.

Os estudos têm buscado estabelecer relações com o tipo de apego do adulto, principalmente com a parentalidade, relacionamento do casal e desenvolvimento do apego entre os pais no período pós-natal. São poucos, entretanto, os trabalhos que associam a vinculação do adulto com o apego materno fetal.

Neste trabalho, observou-se que os *abstracts* não apresentam clareza quanto à metodologia empregada, instrumentos utilizados e conclusões dos estudos, o que limita o passo inicial de uma revisão teórica.

Destaca-se que este estudo limitou-se à busca em bases de dados, que não apresentaram importantes estudos nacionais, que poderiam ser pesquisados para uma análise dos avanços da realidade nacional no que diz respeito a essa temática.

Agradecimentos

A CAPES por viabilizar financeiramente este estudo.

Referências

AINSWORTH, M. Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In: PARKS, C. M.; STEVENSON-HINDE J.; MARRIS, F. (Eds.). *Attachment across the life cycle*. London: Tavistock/Routledge, 1994.

ARMSTRONG, D. S. Impact of prior perinatal loss on subsequent pregnancies. *Journal of Obstetric, Gynecology and Neonatal Nursing*, Thousand Oaks-CA, v. 33, n. 6, p. 765-73, Nov./Dec. 2004.

AXNESS, M. W. *Malattachment and the self-struggle: separation, survival and healing*. Dissertation Abstracts International: Section-B: The Sciences and Engineering, 64, 4-B, 1932, 2003.

BIFULCO, A. et al. Maternal attachment style and depression associated with childbirth: preliminary results from a European and US cross-cultural study.

British journal of psychiatry. Supplement, London, v. 46, p. s31-7, Feb. 2004.

BOWLBY, J. *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1969/1990.

_____. *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BUIST, A.; MORSE, C. A.; DURKIN, S. Men's adjustment to fatherhood: implication for obstetric health care. *Journal of Obstetric, Gynecology and Neonatal Nursing*, Thousand Oaks-CA, v. 32, n. 2, p. 172-80, Mar./Apr. 2003.

CANAVARRO, M. C. *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto, 1999.

CANNELLA, B. L. Maternal-fetal attachment: an integrative review. *Journal of Advanced Nursing*, Oxford, v. 50, n. 1, p. 60-8, Apr. 2005.

CARON, N. A. (Org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CHAMBERLEIN, D. Communicating with the mind of a prenat: guidelines for parents and birth professionals. *Journal of Prenatal and Perinatal Psychology and Health*, Toronto, v. 18, n. 2, p. 95-108, 2004.

CHANG, S.; PARK, K.; CHUNG, C. Effect of Taegyo-focused prenatal education of maternal-fetal attachment and self-efficacy related to childbirth. *Taehan Kanho Hakhoe Chi*, Seoul, v. 34, n. 8, p. 1409-15, Dec. 2004.

COLLINS, N. L.; READ, S. J. Adult attachment style, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington-DC, v. 58, n. 4, p. 644-663, Apr. 1990.

CURRAN, M. et al. Representations of early family relationships predict marital maintenance during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, Washington-DC, v. 19, n. 2, p. 189-97, Jun. 2005.

DAMATO, E. G. Predictors of prenatal attachment in mothers of twins. *Journal of Obstetric, Gynecology and Neonatal Nursing*, Thousand Oaks-CA, v. 33, n. 4, p. 436-445, Jul./Aug. 2004a.

_____. Prenatal attachment and correlates of postnatal maternal attachment to twins. *Advances in Neonatal Care*, Philadelphia, v. 4, n. 5, p. 274-91, Oct. 2004b.

DAWN, C. M. The surviving twin: exploring the psychological, emotional, and spiritual impacts of having experienced a death before or at birth. Dissertation Abstracts International: Section-B: The Sciences and Engineering, v. 64, n. 10-B, p. 5264, 2004.

DOAN, H. M.; COX, N. L.; ZIMMERMAN, A. The maternal fetal attachment scale: some methodological ponderings. *Journal of Prenatal and Perinatal Psychology and Health*, Toronto, v. 18, n. 2, p. 167-188, Dec. 2003.

DOAN, H. M.; ZIMMERMAN, A. Conceptualizing prenatal attachment: toward a multidimensional view. *Journal of Prenatal and Perinatal Psychology and Health*, Toronto, v. 18, n. 2, p. 109-29, Dec. 2003.

- EKELIN, M.; CRANG-SVALENIUS, E.; DYKES, A. K. A qualitative study of mothers' and fathers' experiences of routine ultrasound examination in Sweden. *Midwifery*, Edinburgh, v. 20, n. 4, p. 335-44, Dec. 2004.
- FONAGY, P. Persistencias transgeneracionales del apego: una nueva teoría. *Revista de Psicoanálisis*, v. 3, 1999. Disponível em: <www.aperturas.org/3fonagy.html> Acesso em: 5 jul. 2004.
- GAU, M. L.; LEE, T. Y. Construct validity of the prenatal attachment inventory: a confirmatory factor analysis approach. *Journal of Nursing Research*, Taipei, Taiwan, v. 11, n. 3, p. 177-87, Sep. 2003.
- HAZAN, C.; SHAVER, P. Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington-DC, v. 52, p. 511-524, 1987.
- HOLZ, A.; NUNES, M. L. Vínculos afetivos maternos e comportamento de seus filhos. In: AREOSA, S. E.; NUNES, M. L. (Org.). *Psicologia da criança e desenvolvimento humano*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- HONJO, S. et al. Antenatal depression and maternal-fetal attachment. *Psychopathology*, Basel, v. 36, n. 6, p. 304-11, Nov./Dec. 2003.
- HONJO, S. et al. Support for the family from infancy. *Seishin Shinkeigaku Zasshi*, Tokyo, v. 106, n. 5, p. 602-7, 2004.
- HUANG, H. C.; WANG, S. Y.; CHEN, C. H. Body image, maternal-fetal attachment, and choice of infant feeding method: a study in Taiwan. *Birth*, Berkeley-CA, v. 31, n. 3, p. 183-8, Sep. 2004.
- HUTH-BOCKS, A. C. et al. The impact of maternal characteristics and contextual variables on infant-mother attachment. *Child Development*, Malden-MA, v. 75, n. 2, p. 480-96, Mar./Apr. 2004.
- INGRAM, J.; JOHNSON, D. A feasibility study of an intervention to enhance family support for breast feeding in a deprived area in Bristol. *Midwifery*, Edinburgh, v. 20, n. 4, p. 367-79, Dec. 2004.
- INGRAM, J.; JOHNSON, D.; HAMID, N. South Asian grandmothers' influence on breast feeding in Bristol. *Midwifery*, v. 19, n. 4, p. 318-327, 2003.
- JI, E. K. et al. Effects of ultrasound on maternal-fetal bonding: a comparison of two-and-three-dimensional imaging. *Ultrasound in Obstetrics & Gynecology*, Chichester, v. 25, n. 5, p. 473-7, May 2005.
- KASHWER, C. D. Assessing the relationship between a mother and her unborn child: the prenatal marschak interaction method rating system. *Dissertation Abstracts International: Section-B: The Sciences and Engineering*, v. 65, n. 6-B, p. 3166, 2004.
- KERN, J. K. et al. Reductions in stress and symptoms in mothers of substance-exposed infants, participating in a psychosocial program. *Maternal and Child Health Journal*, New York, v. 8, n. 3, p. 127-36, Sep. 2004.
- KLAUS, M.; KLAUS, P. *Seu surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KRENS, I.; KRENS, H. The prenatal relationship considerations on the aetiology of personality disorders. *Personalitätsstörungen Theorie und Therapie*, v. 7, n. 1, p. 17-31, 2003.
- LEWIS, M. W. Maternal-fetal bonding among pregnant women attending prenatal care: an ecological model. *Dissertation Abstracts International Section-A: Humanities and Social Sciences*, v. 63, n. 10-A, p. 3730, 2003.
- LORENSEN, M.; WILSON, M. E.; WHITE, M. A. Norwegian families: transition to parenthood. *Health Care for Women International*, Philadelphia, v. 25, n. 4, p. 334-48, Apr. 2004.
- LOUNDS, J. J. Adolescent parenting and attachment during infancy and early childhood. *Parenting: Science and Practice*, Philadelphia, v. 5, n. 1, p. 91-118, 2005.
- MAIN, M.; KAPLAN, N.; CASSIDY, J. Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Chicago, v. 50, n. 1-2, serial 209, p. 66-104, 1985.
- MCCARTHY, S.; WATERS, T. F. A crack kid grows up: a clinical case report. *Journal of Offender Rehabilitation*, v. 37, n. 3-4, p. 201-219, 2003.
- PALEY, B. et al. Adult attachment and marital interaction as predictors of whole family interactions during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, Washington-DC, v. 19, n. 3, 420-9, Sep. 2005.
- PICCININI, C. A. et al. Diferentes Perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 469-85. 2001.S
- RIGHETTI, P. L. et al. Maternal/paternal antenatal attachment and fourth-dimensional ultrasound technique: a preliminary report. *British Journal of Psychology*, London, v. 96, pt. 1, 129-37, Feb. 2005.
- RODRIGUES, A. R.; PÉREZ-LÓPEZ, J.; BRITO De LA NUEZ, A. G. La vinculación afectiva prenatal y la ansiedad durante los últimos tres meses del embarazo en las madres y padres tempranos: un estudio preliminar. *Anales de Psicología*, v. 20, n. 1, p. 95-102, junio 2004.
- ROSE, L. M. Exploring the relationships among maternal attachment style, breast feeding and maternal perceptions. *Dissertation Abstracts International: Section-B: The Sciences and Engineering*, v. 63, n. 7-B, p. 3482, 2003.
- RUSTICO, M. A. et al. Two-dimensional vs. Two-plus four-dimensional ultrasound in pregnancy and the effect on maternal emotional status: a randomized study. *Ultrasound in Obstetrics & Gynecology*, Chichester, v. 25, n. 5, p. 468-72, 2005.
- SALISBURY, A. et al. Maternal fetal attachment. *JAMA*, Chicago, v. 289, n. 13, p. 1701, Apr. 2003.

SEIFER, R. et al. Attachment status in children prenatally exposed to cocaine and other substances. *Child Development*, Malden-MA, v. 75, n. 3, p. 850-68, May/ Jun. 2004.

SHIN, H.; PARK, H.; KANG, H. Prediction model on mother-infant attachment during the early postpartum period. *Taehan Kanho Hakhoe Chi*, Seoul, v. 34, n. 3, p. 504-14, Jun. 2004.

SIMPSON, J. et al. Adult attachment, the transition to parenthood, and depressive symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington-DC, v. 84, n. 6, p. 1172-87, Jun. 2003.

ZACHARIA, R. Attachment, social support, life stress, and psychological well-being in pregnant low-income women: a pilot study. *Clinical-Excellence-for-Nurse-Practitioners*, Philadelphia, v. 8, n. 2, p. 60-62, 2005.

Eluisa Bordin Schmidt*

Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Erechim (RS).

e-mail: <eluisabs@via-rs.net>

Irani de Lima Argimon

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente na PUCRS.

e-mail: <argimoni@puhrs.br>

*** Endereço para correspondência:**

Rua Leopoldo Schmidt, 62 – CEP 99700-000 – Erechim, Rio Grande do Sul, Brasil.
